

Reportagem Especial

Variação trimestral do PIB

3,2%
1º trimestre de 2014

O que é PIB?

> O **PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)** representa a soma (monetária) de todos os bens e serviços produzidos numa determinada região (neste caso, o Brasil).

O que um PIB em queda representa?

- > O **DESAQUECIMENTO** da produção de bens e serviços.
- > **SEGUNDO DADOS** do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o PIB do Brasil no terceiro trimestre de 2015 apresentou uma queda de 4,5%, se comparado com o mesmo período de 2014.
- > O **NÚMERO** representa o pior desempenho histórico da pesquisa para um trimestre.
- > **ESPECIALISTAS** apontaram que esse resultado traz mais insegurança aos empresários, que tendem a conter ainda mais os investimentos.
- > **COMO CONSEQUÊNCIA**, mais desemprego, crise e barreiras para retomar o crescimento econômico vão surgir, caso o governo não adote nenhuma medida.

DIVULGAÇÃO



MOEDAS: queda no consumo

Outros dados do IBGE

Consumo

- > **PELO TERCEIRO** trimestre seguido o consumo das famílias brasileiras caiu.
- > **COM O CRÉDITO** restrito e a piora no mercado de trabalho, a queda do PIB foi de 1,5% no terceiro trimestre deste ano em relação aos três meses anteriores, o maior impacto sobre o PIB no período. Comparado com o mesmo trimestre de 2014, a queda é de 4,5%.

Investimentos

- > **UMA DAS PRINCIPAIS** contri-

RUMOS DA ECONOMIA

Brasil fica mais pobre e tem recessão histórica

Pior resultado trimestral do PIB desde 1996, diz especialista, atinge diretamente o brasileiro e agrava a oferta de empregos e a renda familiar

“O Brasil está mais pobre e, com isso, o brasileiro também”, afirmou o economista e professor universitário, Antônio Marcus Machado, sobre a queda histórica do Produto Interno Bruto (PIB, que é a soma de todas as riquezas) do Brasil no terceiro trimestre de 2015. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Es-

tatística (IBGE), o desempenho da economia entre os meses de julho e setembro, comparado com o mesmo período do ano anterior, teve uma queda de 4,5%. Esse foi o pior resultado trimestral da série histórica da pesquisa, que começou em 1996. Comparado com o segundo trimestre, o PIB caiu 1,7%. Mas como este resultado pode impactar na economia e atingir o

bolso dos brasileiros? O economista explicou que a recessão é mais um estímulo para aumentar a bola de neve do desemprego e do desaquecimento econômico.

“O PIB é tudo que é produzido. Quando ele cresce, quer dizer que a atividade econômica também está acelerada. Então isso traz mais empregos, renda para as famílias e arrecadação para os governos. Quando ele cai, o Brasil fica mais pobre e, com isso, o brasileiro também”, disse Antônio Marcus Machado.

De acordo com a economista das contas trimestrais do IBGE, Amanda Tavares, os resultados foram incentivados pelo desaquecimento econômico.

“O resultado já era aguardado e foi incentivado pela queda coletiva

dos indicadores neste trimestre”.

O setor agropecuário, por sua vez, recuou 2,0% no terceiro trimestre, comparado com o mesmo período de 2014. “Na mesma comparação, a indústria caiu 6,7% e o setor de serviços, 2,9%. Mas, vale destacar que, apesar da queda em serviços ser menor, ele tem grande impacto sobre o PIB, porque responde por 71% do valor adicionado total”, afirmou Amanda Tavares.

Já a construção civil – que, junto com a transformação, representa 75% da atividade industrial – contraiu 6,3% no período.

Segundo o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil (Sinduscon), Aristóteles Passos, a “falta de segurança da população em fazer investimentos tem prejudicado a construção civil, principalmente nos imóveis”.

Por outro lado, o setor que ajudou a evitar maiores quedas foi a exportação (incentivada pela agricultura), que cresceu 1,1% no terceiro trimestre, comparado com o mesmo período do ano anterior.

-0,8%
2º trimestre de 2014

-1,1%
3º trimestre de 2014

-0,7%
4º trimestre de 2014

-2%
1º trimestre de 2015

-3%
2º trimestre de 2015

-4,5%
3º trimestre de 2015

* Variação em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

MAIOR QUEDA HISTÓRICA

Com o recuo do PIB em 4,5% no terceiro trimestre de 2015, o índice atingiu o patamar de pior desempenho trimestral da série histórica do IBGE, que leva em conta dados desde 1996.

Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Atrás apenas da Ucrânia

RIO

O Brasil ocupou, no terceiro trimestre deste ano, o segundo pior lugar no ranking de países que já divulgaram o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) no período, apontou estudo da agência classificadora de risco Austin Rating.

A retração de 4,5% na atividade econômica brasileira no terceiro trimestre ante o mesmo trimestre

do ano anterior só não foi pior do que o desempenho da Ucrânia, em meio a um conflito após disputa territorial com a Rússia, cujo PIB amargou recuo de 7% no período.

“É uma evidência objetiva de que a crise não é de origem externa. Paradoxalmente, às vezes, é mais difícil de gerenciar do que um choque externo”, resumiu Carlos Langoni, ex-presidente do Banco Central e atual diretor do Centro de Economia Mundial da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O Brasil teve ainda o pior desempenho no grupo do Brics, em que o destaque foi a Índia, líder absoluta do ranking, com crescimento de 7,4%, seguida pela China, com alta de 6,9%, na segunda posição. Já a África do Sul cresceu 1,0% no período, ficando no 31º lugar.

A agência classificadora de risco prevê uma queda de 3,5% no PIB brasileiro de 2015 e retração de 2,6% em 2016.



ANTÔNIO Marcus Machado disse que Brasil e brasileiros estão mais pobres

buições para a queda PIB, pelo lado da despesa, foi a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF), indicador do nível de investimento no País.

- > **A TAXA DESPENCOU** 15% entre julho e setembro, comparado com 2014.

Foi a maior retração histórica.

- > **O RECUO É** explicado, principalmente, pelo desempenho negativo das importações e construção civil.

Fonte: IBGE.



CARLOS LANGONI: gerenciamento

RUMOS DA ECONOMIA

“Não há saída fácil para a crise”

Afirmado que o cenário de recessão é ainda pior que o esperado diante do recuo no Produto Interno Bruto (PIB), a secretária de Estado da Fazenda, Ana Paula Vescovi, disse que não existe saída fácil para a crise.

Segundo ela, o País precisa mudar paradigmas e a forma de pensar a economia, na relação do estado e sociedade e nas regras que definem os investimentos. Só assim, poderá começar a restabelecer a confiança.

“O número divulgado surpreendeu. Os mais pessimistas esperavam recuo em torno de 1,2%. A realidade demonstra que de fato a intensidade da crise é ainda maior que os especialistas percebiam”.

Ana Paula Vescovi enfatizou que isso vai levar a uma revisão das expectativas de mercado e, como a economia deve cair mais em 2015, como consequência o cenário para 2016 também é de queda.

“O ano de 2016 vai ser difícil e a conclusão mais geral que chego é que houve queda muito forte do investimento e do consumo das famílias”.

Ela explicou que, para voltar a crescer, o Brasil precisa chegar a um consenso, que implica na mudança de paradigmas. “Vai ter de



ANA PAULA VESCOVI: “A realidade demonstra que de fato a intensidade da crise é ainda maior que os especialistas percebiam”

mudar a estratégia de crescimento para que possa construir uma agenda de recuperação”, afirmou.

A secretária acredita, ainda, que com o cenário político atual e a questão do PIB, o País vai ficar ainda mais próximo de ter um novo rebaixamento da nota de crédito. “Estamos vivendo em um espiral de perda de confiança. Não há saída fácil para a crise, mas uma vez que se recupere a con-

fiança, esse momento passará”.

PIB

Os dados do Produto Interno Bruto (PIB) Estadual no terceiro trimestre do ano vão ser divulgados no próximo dia 11.

A diretora de Estudos e Pesquisas do Instituto Jones dos Santos Neves, Ana Carolina Giuberti, afirmou que a última pesquisa apresentada em setembro, referente ao segundo trimestre de

2015, mostrou que o Estado acompanhava o ritmo de queda do País quando comparado ao período anterior.

“O que move a economia é o consumo das pessoas e investimentos das empresas. Em ambiente de incerteza, não há a perspectiva de investir. O consumidor também está com medo de comprar. O governo precisa ajustar as contas. O caminho é longo e o ano de 2016 não será fácil”.

Batata-inglesa é a nova vilã da inflação, em novembro

A inflação voltou a acelerar no final de novembro, puxada pela alta nos preços de produtos como tomate, da batata-inglesa e da gasolina. Segundo a Fundação Getúlio Vargas (FGV), o indicador calculado pelo Índice de Preços ao Consumidor Semanal (IPC-S) fechou o mês em 1%, acumulando alta de 9,57% no ano.

A maior contribuição para a alta veio do preço dos alimentos, que subiram 1,85% – acima da taxa de 1,58% uma semana antes. Maior influência de alta, o tomate ficou 40,73% mais caro, enquanto a batata-inglesa subiu 40,89%.

O gerente operacional das Centrais de Abastecimento do Estado (Ceasa), Marcos Antônio Magnago, explicou que a batata inglesa trazida principalmente do Triângulo Mineiro, teve variação grande de preços no mês de novembro.

“O saco com 50 quilos, que custava R\$ 75, chegou a custar R\$ 150 nesse período. Em parte por causa da entressafra e também pelos produtores de lá terem passado por um período de chuvas, o que prejudicou a colheita.”

Já o tomate, que tem produção local, Magnago disse que houve variação, mas em menor escala.



BATATA: aumento de 40,89%

REUTERS/ANDREW KELLY



DILMA: equipe diz que é preciso resolver crise política para sair da recessão

Foco na articulação política

A equipe de Dilma Rousseff considera que para o País sair da recessão, que se aprofundou no terceiro trimestre, será preciso resolver a crise política. Caso contrário, a economia vai “afundar” e o governo corre o risco de enfrentar um processo de “ruptura” no primeiro semestre de 2016.

Segundo assessores presidenciais, o tombo do PIB mostra que o governo precisa virar rapidamente a página do ajuste fiscal para recuperar a confiança de empresários e consumidores.

Em paralelo, a Presidente encomendou um conjunto de medidas

focadas na agenda de retomada do crescimento para serem divulgadas até o início de 2016.

Para superar a crise política, o Planalto definiu que precisa encontrar uma fórmula para acabar com a instabilidade na base aliada. Uma iniciativa será buscar reaproximar o vice Michel Temer da equipe de articulação política.

A prioridade é aprovar a mudança da meta fiscal, a renovação da DRU (mecanismo que desvincula receitas da União) e projetos como o da regularização de dinheiro ilegal no exterior, além de encaminhar a votação da CPMF.

“Ainda não é o fundo do poço”

DIVULGAÇÃO

Diante da queda histórica do Produto Interno Bruto (PIB) no terceiro trimestre de 2015, especialistas afirmam que o cenário de crise não tem previsão de ser revertido em 2016 e ainda pode piorar. “Ainda não é o fundo do poço”, disse o professor de Economia da Fucape Bruno Funchal.

Com o desânimo de empresários, que temem investir, e das famílias, que reduzem o consumo por causa da inflação e da piora no mercado de trabalho, a saída, segundo ele, seria o ajuste de contas do governo federal.

“O que tem de ser feito para 2016 é arrumar a casa. O governo tem de começar a pensar em eficiência de gasto, enquanto controla a inflação. Essa crise não tem prazo para ter fim por enquanto e pode demorar anos para passar”.

O vice-presidente da Associação Nacional dos Executivos de Finanças, Administração e Contabilidade (Anefac), Miguel José Ribeiro de Oliveira, ressaltou que a crise deve se estender por 2016.

“Tudo que levou a esse resultado estará presente no ano que vem: o Congresso que não se entende, a economia andando para trás, taxa de juros que podem subir mais e governo federal que não faz os cortes necessários. Isso agrava o desemprego e a inadimplência”.

Ele enfatizou que o balizador da



BRUNO Funchal: ajuste de contas

situação é a falta de confiança. “O empresário não investe, o consumidor não compra, os bancos não emprestam. Todo mundo está receoso. É preciso recuperar a confiança para voltar a crescer”.

A economista-chefe do SPC Brasil, Marcela Kawauti, também frisou que a queda do PIB foi maior que se esperava, mas uma ótica que ainda preocupa mais nos dados é que o que mais caiu foram os investimentos. “Isso é péssimo, pois se percebe que os empresários estão com pouca confiança no País”.

Ela frisou para os consumidores que é hora de consumir com inteligência, sem utilizar todo o dinheiro de fim de ano nesse período. “Tem de se precaver, pois não se sabe o dia de amanhã. É preciso tomar cuidado na hora de fazer dívidas”.

Reportagem Especial

RUMOS DA ECONOMIA

“Aqui não tem crise”

Empresária dribla má fase econômica do País apostando no ramo de beleza, e até multiplica clientela e aumenta equipe de funcionários

A pesar da crise econômica que o País vem atravessando, alguns setores não foram atingidos. Muito pelo contrário, até registraram alta nas vendas ou no atendimento durante este ano.

Este é o caso da empresária Renata Machado, 30 anos. Formada em Psicologia, ela descobriu na área da beleza sua grande paixão.

Renata, que faz maquiagens, penteados e produções, viu seu atendimento quintuplicar em cinco anos. E a situação melhorou ainda mais este ano.

A equipe que compõe o “Renata Machado Ateliê” aumentou em mais quatro pessoas, e a agenda dos profissionais vive cheia.

“Aqui não temos crise, pelo contrário, trabalhamos bastante. Para marcar um horário é preciso agendar com antecedência, principalmente, em épocas festivas que têm muitos eventos. Pois nossa agenda fica cheia todos os dias, inclusive aos domingos quando costumamos atender noivas e oferecer cursos.”

Para o presidente do Sindicato dos Salões de Beleza do Estado, Adeldo Camilo Pereira, o setor vem se mantendo bem.

“Estamos bem nesse período de crise, não registramos queda, mas estamos estabilizados e dependendo local registramos o aumento no número de atendimento”.

Outro setor que está indo bem é o alimentício. De acordo com o presidente da Associação Capixaba de Supermercados (Acaps) João Falqueto, mesmo com a crise, as pessoas continuam se alimentando e em alguns casos é possível ver aumento na vendas.

“O setor passou por uma retração de 1,2%, mas não consideramos crise. E o crescimento que houve se dá pelo empenho de cada empresário, que está oferecendo um mix de produtos adequado de acordo com o perfil do cliente.”

Para o professor de finanças da Fundação Dom Cabral e Ibmecc-Rio, Gilberto Braga, nem todos os setores são atingidos pela crise.

“Existem setores que até lucraram num período assim. Há também casos de empresas que não têm nem lucro nem prejuízo. Mas é preciso ligar o sinal de alerta”, orientou.

Braga contou que em situações assim é fundamental que o empresário seja criativo e adote ações que possa fidelizar os clientes.

“Os descontos são sempre um bom aliado do consumidor, vale criar ações desse tipo”, afirmou.

RENATA MACHADO é formada em Psicologia, mas descobriu na área da beleza sua grande paixão com a criação de um ateliê, que abre até aos domingos para atender a grande clientela



SETORES QUE NÃO FORAM ATINGIDOS PELA CRISE

Aumento nas vendas em 64%

A crise também passou longe da revendedora de carros de luxo Vitória Motors. Segundo a diretora executiva do grupo, Patrícia Asseff, de janeiro até o dia 30 de novembro, as vendas aumentaram em 64%, comparando ao mesmo período do ano passado.

Ela disse que esse crescimento se deve a um conjunto de ações que foram adotadas. “A montadora investiu em novos lançamentos, o que atraiu o público feminino e os mais jovens”.

A empresa também investiu em campanha com foco no cliente. “Informamos os custos com seguro, financiamento, manutenção”, entre outros.



Produção de bolo dispara

Há quatro meses, as irmãs Giselle Morandi, 35 anos, Waleska Morandi, 39, e a mãe Mirian Morandi, 59, investiram na realização de um sonho: a abertura da Bolo'Bo.

O local oferece aos clientes bolos doces e salgados, e tortas confeitadas, além de um espaço diferenciado.

“No início, vendíamos 10 bolos por dia. Hoje, comercializamos 50 bolos por dia, e queremos ampliar o serviço. Aqui não temos crise”, disse Giselle.

RAIO X DO SETOR

Sindibel

> O SETOR de beleza vem crescendo uma média de 20% ao ano. Segundo o presidente do Sindicato dos Salões de Beleza do Estado (Sindibel), Adeldo Camilo Pereira, o segmento não foi atingido pela crise. “Estamos investindo em ações para fidelizar cada vez mais o cliente”, afirmou

Abrasel

> A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA de Bares e Restaurantes (Abrasel) estima que o delivery e as refeições em modelo To Go – em que a pessoa leva para consumir em casa – deve movimentar R\$ 1 bilhão a mais do que 2014. “É uma forma diferenciada de o empresário manter o seu cliente”, disse o presidente Paulo Solmucci.

Sindipães

> APESAR DE UMA RETRAÇÃO de cerca de 20% no consumo em 2015, o Sindicato da Indústria de Panificação e Confeitaria do Estado do Espírito Santo (Sindipães) tem enfrentado a crise muito bem. De acordo com o presidente do Sindipães, Luiz Carlos Azevedo de Almeida, o setor não foi atingido. “Estamos otimistas com o fim do ano. Também vamos apostar na criação de novos produtos”, disse.

Sindibebidas

> APESAR do Sindicato da Indústria de Bebidas em Geral do Espírito Santo (Sindibebidas), ter registrado uma pequena retração nas vendas, eles não consideram que o setor esteja em crise. O presidente do sindicato Sérgio Rodrigues da Costa disse que está otimista em aumentar as vendas nos próximos meses com a chegada do verão, das férias e do carnaval. “Nossa expectativa é aumentar nossas vendas nos próximos meses”, prevê.